

A PERCEPÇÃO DA PASSAGEM DO TEMPO FÍSICO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO AMAZÔNICO

Paulo Victor Poncio de Oliveira

Resumo

O tempo é uma medida de mudança. Modernamente, foi campo de estudo da física durante séculos, alcançando sua interpretação mais respeitada a partir das pesquisas do alemão Albert Einstein, que articulou a teoria da relatividade geral, fornecendo subsídios fundamentais para o estudo da gravitação, dos buracos negros e, principalmente, para o revolucionário entendimento de que o tempo é flexível e relativo. Einstein foi um gênio porque notou a intrínseca relação entre a física teórica e a filosofia da linguagem. Desse modo, já temos comprovações científicas de que os ponteiros de um relógio passam mais devagar quanto mais um indivíduo estiver longe da superfície do planeta Terra, assim como também passa mais lentamente para quem está em algum nível de velocidade considerável. Para além disso, a expansão do universo cósmico, do passado para o futuro, traz a estupefata conclusão de que tudo que vemos agora, não está acontecendo, de fato, nesse instante. Nesse sentido, o objeto dessa pesquisa é identificar a relação entre a forma como o indivíduo sente a passagem do tempo físico e os processos de formação da identidade cultural e educacional do povo amazônico. Tal tema evoca a relevância dos estudos dos modos de vida, de expressão e produção dos sentidos amazônicos, pensando na articulação entre as especificidades étnicas regionais e a relação sensível com a noção de tempo, imbricada questão que permeia a formação da identidade de um povo que vive em efervescente trânsito cultural, educacional e linguístico.

Palavras-chave: tempo; linguagem; amazônico.

THE SENSITIVE PERCEPTION OF THE PASSAGE OF PHYSICAL TIME IN THE FORMATION OF THE CULTURAL IDENTITY OF THE AMAZON PEOPLE.

Resumo

Time is a measure of change. Modernly, it was the activity of studying physics over the centuries, reaching its most respected interpretation from the research of the German, the revolutionary understanding that time is tabulation and relative. Einstein was a genius because he noticed the intrinsic relationship between theoretical physics and the philosophy of language. In this way, we already have scientific evidence that the hands of a clock are more the more an individual is further from the surface of the planet Earth, as well as it also passes more slowly for those who are at some level of slow speed for those who are at some level. of slow speed. Furthermore, the expansion of the universe, from the past to the future, brings the conclusion of everything that we see now, not what is for the universe, at this moment. In this sense, the object of this research identifies the relationship between the way the individual feels the passage of physical time and the processes of formation of the cultural and educational identity of the Amazonian people. This theme evokes the production of studies on Amazonian ways of life, expression and meanings, thinking about the articulation between the ethnic specificities of formation and the sensitive sensitivity with the notion of time, an imbricated question that permeates the identity of a people who live in effervescent cultural, educational and linguistic transit.

Keywords: time; language; amazonian.

LA PERCEPCIÓN SENSIBLE DEL PASO DEL TIEMPO FÍSICO EN LA FORMACIÓN DE LA IDENTIDAD CULTURAL DE LOS PUEBLOS AMAZÓNICOS

Resumo

El tiempo es una medida del cambio. En la época moderna, fue un campo de estudio de la física durante siglos, alcanzando su interpretación más respetada a partir de las investigaciones del alemán Albert Einstein, quien articuló la teoría de la relatividad general, brindando subsidios fundamentales para el estudio de la gravitación, los agujeros negros y, principalmente, por la comprensión revolucionaria de que el tiempo es flexible y relativo. Einstein fue un genio porque notó la relación intrínseca entre la física teórica y la filosofía del lenguaje. De esta forma, ya tenemos evidencia científica de que las manecillas de un reloj pasan más despacio cuanto más se aleja un individuo de la superficie del planeta Tierra, así como más despacio para alguien que se encuentra en algún nivel de velocidad considerable. Además, la expansión del universo cósmico, del pasado al futuro, trae la estupefacta conclusión de que todo lo que vemos ahora, de hecho, no está sucediendo ahora mismo. En ese sentido, el objeto de esta investigación es identificar la relación entre la forma en que el individuo siente el paso del tiempo físico y los procesos de formación de la identidad cultural y educativa de los pueblos amazónicos. Este tema evoca la relevancia de los estudios sobre modos de vida, expresión y producción de significados amazónicos, pensando en la articulación entre las especificidades étnicas regionales y la relación sensible con la noción de tiempo, cuestión imbricada que permea la formación de la identidad de un pueblo. que vive en efervescente tránsito cultural, educativo y lingüístico.

Palabras-clave: tiempo; idioma; amazónico.

INTRODUÇÃO.

Talvez o maior dos mistérios seja o tempo. Para a mitologia grega, trata-se da representação de duas figuras: Chronos, uma personagem que personifica tudo que é eterno e imortal no sentido mais racional da compreensão mitológica possível – acreditando ser o maior dos Deuses, ele, inclusive, se alimentava dos próprios filhos recém-nascidos para que nenhum pudesse roubar-lhe o poderio ou seu tempo de vida útil – e também Kairós, o seu oposto despreocupado, protetor do presente não-linear, Deus do tempo oportuno. Essa era a mais próxima das concepções de tempo que tínhamos notícia até a evolução da física teórica moderna, que estudou os pilares da teoria da relatividade geral, chegando à ideia aproximada de que 1 (um) segundo cronológico, marcado no relógio, equivaleria a duração de 9.192.631.770 de períodos de oscilação da radiação necessária para transição entre dois níveis do estado fundamental do átomo de césio-133 (BEBEACHIBULI, 2003). Contudo, as coisas são ainda mais complicadas do que aparentam, visto que o tempo físico é relativo, psicologicamente flexível, dependendo das experiências individuais e sociais.

A ideia de que existe um agora bem definido em todas as partes do universo é, portanto, uma ilusão, uma extrapolação ilegítima da nossa experiência. É como o ponto onde o arco-íris toca a floresta: temos a impressão de que vemos, mas, se formos até lá para nos certificar, não encontraremos nada. [...] Não existe um ‘mesmo momento’ definido no universo. ‘O presente do universo’ não quer dizer nada. (ROVELLI, 2017, p. 31, grifo nosso).

A essência da noção de identidade, como se pode notar nos estudos culturais, é uma abstração recente, que ainda aponta para muitas direções. É provável que a identidade seja uma questão da modernidade tardia, processo de contínua mutação (HALL, 2004), no entanto, ela se apresenta entre as concepções mais debatidas na atualidade, traçando definições muitas vezes divergentes, a exemplo de representações culturais e literárias. De todo modo, é um conceito marcado por meio de símbolos que expressam a diversidade das relações sociais, a forma como as pessoas percebem ou veem a si mesmas e as funções que têm na sociedade (SILVA, 2004). Assim, quando falamos de percepção de seu papel social, devemos sempre recordar que toda identidade é permeada por outras identidades. Ou seja, não há identidades puras, mas sim constituídas a partir da intersecção de várias outras, cada uma com um nível diferente de percepção de seu espaço e, principalmente, de seu tempo.

Vê-se a passagem do tempo se manifestando independentemente de nossas vontades. Nesse contexto, faz sentido que haja um esforço para que se encontrem, de alguma forma, ferramentas que desacelerem sua passagem – menos por expectativas egoístas e irrealistas de manutenção indiscriminada da vida física mortal e mais pela compreensão de que a criação de experiências novas talvez seja a saída mais fácil para o drible na assimetria marcada do tempo, no qual o presente vira passado infinitamente. Como decorrência da teoria de Einstein, que comprovou a relação da experiência do indivíduo com a percepção da própria identidade e da representatividade coletiva, a formação criativa da identidade individual faz o tempo correr mais devagar, tanto na cognição sensível quanto no próprio relógio, que faz o tempo correr sem parar.

O que observamos é que a onda das atividades das células no estriado viaja mais rapidamente quando julgamos que o intervalo de tempo é maior do que realmente é, ou seja, nosso relógio interno anda mais depressa do que o tempo em si a depender do que estamos fazendo. Devemos inferir, portanto, que o tempo acelera ou desacelera ao se relacionar com tarefas fisicamente velozes ou instigantemente criativas e/ou desafiadoras. (PATON, 2020, p. 117).

Em relação à formação das identidades a partir das relações sociais, é possível afirmar que elas utilizam como material elementar as ferramentas oferecidas pelas inúmeras instituições da sociedade, além da história e da geografia - daí a fundamental noção de espaço e tempo - pela biologia e, ainda, pelas memórias individuais e coletivas, sociais. Por isso, nota-se que grande parte das produções da sociedade articulam essas identidades. Bons exemplos são as produções literárias dos mais diversos gêneros, que, de um modo ou de outro, constituem determinada identidade, seja ela social, cultural ou mesmo de outra espécie. Todas essas identidades são construídas por intermédio das experiências que os indivíduos têm no decorrer da vida, nas suas relações sociais percebidas no tempo. São elas que forjam a diferença existente entre os sujeitos da sociedade – abordagem importante, visto que todo discurso de identidade é sempre formado na diferença. Desse modo, pode-se compreender que a identidade do indivíduo é continuamente concebida a partir dos arbítrios que ele assume em cada contexto social específico.

Para além de uma abordagem ampla, sabe-se, ainda, que no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos constituem-se em uma das principais fontes de identidades (HALL, 2004). Assim, como a cultura de um povo é fonte inexaurível de inspiração, é nela que, em primeiro lugar, nota-se um esforço no sentido da busca por tais fontes de identidade, o que inequivocadamente ocorre nas narrativas que representam a Amazônia. É dessa forma que a literatura que expressa a Amazônia, por exemplo, procura elaborar uma identidade que venha retratar as especificidades do universo amazônico a partir de componentes de pertencimento, como as demandas éticas e simbólicas, além da percepção individual do próprio espaço e do entendimento sobre o tempo que corre na Amazônia, socialmente muito diferente dos tempos das demais regiões do país.

No processo de construção das identidades sociais, mediado pelo discurso, as narrativas, como formas de organizar o discurso através das quais agimos no mundo social, têm sido entendidas como desempenhando um papel central no modo como aprendemos a construir nossas identidades na vida social. Ou seja, as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo à nossa volta e, portanto, de quem somos neste mundo. (LOPES, 2012, p. 59, grifo nosso).

A física moderna, que, nesse campo de estudo, como vimos, mantém relações com a filosofia da linguagem, compreende que à medida que estudamos o tempo, mais o desintegramos. Em geral, a concepção do tempo como algo simples, fundamental, uniformemente medido pelos relógios se revelou falsa. As características reveladas mostraram apenas aproximações perspectivas, como aconteceu com ideias aceitas durante séculos, como a planura do planeta ou o movimento circular do Sol. O que chamamos de tempo não passa de uma teia de camadas composta por todos os “tempos” que existem, diferentes para cada pessoa, relativos a depender de cada experiência vivida. Talvez essa desintegração do conceito de tempo seja, em algum nível, perturbadora e atroz, contudo essa questão traz consigo a possibilidade da evolução do pensamento crítico a partir da libertação social do cotidiano que o relógio amarra.

Ainda que não percebamos com facilidade, a desconstrução do tempo a partir dos estudos da física decompõe esse conceito em um fluxo de acontecimentos experienciado no ambiente e no contexto específico de atuação do indivíduo no periscópio do social. Ao passo em que a ciência moderna se afasta das concepções de tempo autônomo e absoluto observadas por Isaac Newton no século XVI – tempo que existe independente – trouxe à baila conceitos antigos de tempo humano e absolutamente vinculado ao ser que vive. Em última análise, o tempo sequer existe, visto que existe dentro de nós, e não somos nós que vivemos na esteira dele. Já no contexto amazônico, o fluxo de acontecimentos no tempo, caracterizado por relações de convívio entre povos tradicionais historicamente conectados com o bioma natural traz questões específicas que devem ser identificadas e discutidas (BEZERRA, 2016).

Talvez seja por isso que na maioria das produções literárias produzidas na Amazônia, o que se constata é que a representação do homem, da paisagem e da cultura local, traz consigo muitos aspectos da região, percebidos no tempo histórico, sem que essa abordagem signifique, entretanto, que sejam obras caricatas ou regionalistas, visto que tais elementos se mostram como mecanismos que assinalam uma relação de pertencimento. A tentativa de construção de identidades locais, principalmente aquelas atravessadas por traços simbólicos, é percebida nas narrativas, pois, de uma forma geral, na análise das narrativas é que se torna possível entender a vida humana, as pessoas e seus modos de vida.

A imagem mais comum do que seja a Amazônia é a de que se trata de uma imensa extensão de terras, onde o principal elemento de identificação é uma natureza pujante, praticamente indomável que a história nos legou intocada através do tempo. (GONÇALVES, 2001, p. 20).

Para além disso, no contexto amazônico, notam-se fundamentais as questões de pesquisa que tratam das atividades educacionais de leitura e escrita, não somente como prática técnica, já que para formar identidade é importante, para além de saber ler e escrever, a compreensão real do uso que se faz dessas habilidades. Dessa forma, a percepção do tempo presente e suas potencialidades, livres das amarras dos tempos em que não é possível a ação social, constitui-se na oportunidade que as pessoas devem ter de lidar com o letramento, adequando-se ao mundo social, onde essas habilidades são premissas elementares. Essa noção de compreensão de espaço e tempo presente traz a ideia de uma leitura e escrita profundas, na qual o leitor interage com o texto,

influenciando-o e por ele sendo influenciado instantaneamente - ação que traz a reflexão e a busca pela transformação do ambiente social.

A CONSTITUIÇÃO SOCIAL EM FUNÇÃO DO TEMPO.

O modo como as sociedades se constituem em função do tempo é uma questão de grande importância para as ciências sociais, mas reiteradamente preterido a um segundo plano nos estudos científicos. Contudo, a investigação da noção de tempo social traz uma reflexão moderna, relevante, cuja originalidade atende a uma análise sociológica e antropológica sobre como apreendemos e compreendemos o tempo. Ademais, essa relação também abrange algumas modernas concepções provenientes de outros campos da ciência, que vão da física teórica à geografia astronômica que impactam diretamente no modo como os cientistas sociais historicamente abordam o tempo. Na relação entre os mundos exterior, social e o interior, particular, o tempo forma o alicerce para a atribuição de significados que vão organizar a vida e as perspectivas quanto ao futuro – elaborando, marcando, oprimindo e sujeitando o indivíduo.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade. Etnia, raça, e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados a este tempo. (HALL, 2004, p. 9, grifo nosso).

Tendo em vista as noções de identidade social descritas, a formação do povo amazônico atravessa uma relação com o autoconhecimento, a autoestima e a consciência do próprio valor individual, conciliado à experiência da própria inserção no conjunto da sociedade local (LOUREIRO, 1995). A população amazônica, tendo consciência de si mesma, acolhe-se dentro de uma relação inter-humana, inter-social e, paralelamente, com a natureza e a história de sua região.

Na produção cultural amazônica, por exemplo, essa busca por percepção da realidade é o que se descortina no modo de ser do homem tradicional em torno de sua identidade, que é forjada principalmente por uma herança formal que adita as concepções sobre a floresta com as noções de tempo pessoal, individual, particular - ou ainda, a busca pela identificação dos elementos que constituem a sua realidade cultural e histórica, seja no passado ou no que chamamos de presente.

O Estudo do Tempo Relativo, Quântico e Desintegrado.

Einstein comprovou que o tempo não é absoluto. Ao contrário, é impermanente, relativo – e que está subjugado a distorções geométricas como consequência das massas dos corpos, sendo por isso curvo. A genialidade de Einstein fez-nos assimilar que o tempo é a quarta dimensão da realidade – as outras são espaço, largura e profundidade. Para a nossa percepção, o tempo parece ser fixo e linear, contudo, após os experimentos de Einstein – aprofundados pelos escritos do físico britânico Stephen William Hawking, nas décadas de 60 e 70 do século XX – a compreensão exata da quebra do arcabouço teórico da física clássica, o desenvolvimento da mecânica quântica, no que lhe concerne, deu um nó no tempo, ao estabelecer a existência de dimensões e realidades paralelas, com repercussões claras na vida real, cotidiana. Para além disso, a realidade que os sociólogos tentam entender, poderia não passar de uma miragem, ou ser apenas uma entre infinitas realidades possíveis (TUFAILE, 2012).

Nesse contexto, muitas vezes enigmático e perturbador, teríamos inúmeros motivos suficientes para questionarmos se nossas percepções estão, de fato, corretas, afinal a ciência provou

que há algo além do espaço e tempo evidenciado pela mente. O mero reconhecimento da possibilidade experimentada do tempo relativo, efêmero, pode ter consequências profundas em nossos princípios e certezas, assim como na nossa conexão com o outro e com a natureza, até mesmo em um contexto amazônico, que é natural, mas também social. Alcançar o significado do tempo como quarta dimensão, com ponderações lineares e tridimensionais, é um enorme desafio, entretanto é neste caminho para onde, irremediavelmente, avançarão as fronteiras interdisciplinares do conhecimento.

Evidente que sabemos das dificuldades da compreensão possível. Tempo, individualidade e vida social, quando dizem respeito a conceitos sociais clássicos, são ideias que, aparentemente, já não possibilitam o pleno entendimento do momento histórico em que vivemos, de modo que não conseguem mais interferir sobre as condições que o formam. Todavia, o desafio dos cientistas sociais contemporâneos é, mesmo reconhecendo que os novos conceitos não permitem, como sempre se deu anteriormente, que a compreensão das situações se processe em processos mais ou menos estabelecidos, atenuar a dificuldade de pensar uma nova percepção do tempo – uma organização diversa da vida social, uma noção de indivíduo radicalmente diferente.

Diante das questões explanadas acima, inferimos que a profunda transformação da vida social contemporânea, de seus princípios e juízos, e do tempo no qual acontecem, não depende de um novo modelo de sociedade, mas sim de um novo modelo de indivíduo, que não confina-se na nostalgia de um passado aparentemente mais feliz, nem na esperança por um futuro redentor, mas que, incorporando uma flexibilidade treinada para enxergar as realidades da vida, estará sempre desenvolto para responder às demandas sociais. Tal noção se aproxima, portanto, de uma nova temporalidade que surge na compreensão da eternidade e da efemeridade da nossa contemporaneidade. Essa quebra contínua do andamento, nos espaços de fluxos, estabelece uma nova cultura social, que:

É simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero. É eterna porque alcança toda a sequência passada e futura das expressões culturais. É efêmera porque cada organização, cada sequência específica, depende do contexto e do objetivo da construção cultural solicitada. Não estamos em uma cultura de circularidade, mas em um universo de temporalidade não diferenciada de expressões culturais (CASTELLS, 2007, p. 554).

O tempo físico, frio e calculado, torna-se tempo humano, permeável pelas experiências sociais na medida em que está organizado de modo a alcançar as narrativas da sociedade a qual se vincula, já que a narrativa social é sobremaneira significativa, tendo em vista que esboça os traços da experiência temporal de todas as pessoas, primeiro, individualmente e depois, coletivamente. Isto significa dizer que as noções de tempo e narrativa podem ser compreendidas a partir de uma reflexão teórica particular interdisciplinar ou, para além disso, substituídas por um outro paradigma também significativo e complexo: a experiência histórica que influencia o presente, assim como também o passado e o futuro, que a essa altura já não têm mais tantos limites estabelecidos entre si (RICOEUR, 1994).

A Formação da Identidade Educacional e Cultural Amazônica.

Quando tratamos da formação da identidade amazônica estamos também chamando a atenção para as noções de tempo e de espaço que atravessam tanto a história social quanto as histórias pessoais. Essa relação se torna válida a partir do momento em que se tem compreensão de que as identidades são constituídas a partir de determinados comportamentos do indivíduo em seu discurso em relação ao tempo e ao espaço em que vive, ou seja, o contexto histórico. Ao tratarmos de percepção de tempo, esses conceitos devem considerar que quando discutimos sobre identidade, obrigatoriamente necessitamos investigar as relações entre os diferentes tempos do

povo amazônico (KLEIN, 2003). O reconhecimento das inúmeras noções de realidade do passado, presente e futuro permite que sejam aceitas, num mesmo contexto regional, identidades semelhantes, mas diferentes entre si, o que é muito saudável.

[...] sendo minha tese básica a de que as histórias temporais estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e existência histórica própria deles. (SAID, 2004, p. 12, grifo nosso).

Os sentimentos que os indivíduos estabelecem ao fato de pertencerem a um grupo social específico são outras variáveis que merecem uma análise profunda, na esteira dos aspectos que dizem respeito a questões identitárias do povo amazônico. A questão dos espaços em que nos sentimos representados traz um olhar à oposição existente entre os discursos históricos e ficcionais, demonstrando sua contribuição para revelar determinadas identidades; assim como a ação social no tempo presente expõe a relação entre os inúmeros espaços expressos nas narrativas amazônicas: rio, cidade e floresta, enquanto referenciais de identidade. Ressalte-se a importância da noção de presente nessa construção, visto que as formas de organização social da Amazônia evidenciam a importância do meio ambiente e da relação do homem com estas entidades, e daí com as identidades.

Outra consequência do reconhecimento da identidade amazônica trata-se da interpretação do contexto educacional e das narrativas amazônicas que apresentam como objeto a Amazônia de variados tempos históricos. Todas as narrativas devem se orientar no sentido da descrição das complexidades dessa região, uma vez que esses discursos ressaltam personagens tipicamente tradicionais. Nesse sentido, faz-se necessária a exposição das especificidades que perpassam as fronteiras geográficas e, na esteira da percepção do indivíduo acerca da experiência subjetiva da vida, seguem até as questões morais, sociais e discursivas, o que nos estimula a identificar que várias identidades são reveladas por meio dessa representação. Ilusões de tempo ajudam a expor mecanismos neurais latentes na percepção do tempo vivido por cada um de nós.

Possíveis Relações Entre as Camadas de Desintegração do Tempo e a Experiência Sensorial do Povo Amazônico.

Rememorar e analisar o passado já não podem ser consideradas ações tão simples. Devemos considerar que, em todos os casos, estamos a lidar com situações complexas e por isso é necessário estar atento à seleção consciente ou inconsciente, à interpretação e à distorção da percepção, visto que todos são fenômenos socialmente relacionados. Todavia, não se trata de conceber o tempo de forma isolada, pois há de se considerar o contexto da sociedade. Nesse sentido, a experiência sensorial do povo amazônico, tradicionalmente ligado às raízes naturais, não é formada de homens fechados, descontextualizados, independentes do mundo exterior. O tempo deve ser constituído em interação com outros mecanismos da vida social, em articulação interdisciplinar e intersubjetiva.

Cada ser complexo é constituído por uma pluralidade de tempos, ramificados uns nos outros segundo articulações sutis e múltiplas. A história, seja a de um ser vivo ou de uma sociedade, não poderá nunca ser reduzida à simplicidade monótona de um tempo único, quer esse tempo cunhe uma invariância, quer trace os caminhos de um progresso ou de uma degradação (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 211).

Ademais, a temporalização do espaço social efetiva não somente uma violência simbólica ao articular um efeito sem evidente dispêndio de energia que sonega a capacidade das coletividades de formarem temporalidades próprias, como também articula um prognóstico negativo ao reconhecer, e efetivar, uma temporalidade específica como usurpadora de uma temporalidade universalmente humana. Isso se percebe em inúmeras dimensões da vida social, passando pelo campo discursivo, conceitual, institucional e até mesmo político (BOURDIEU, 1989).

PARADIGMAS TERÓRICOS.

A busca por paradigmas que alcancem o estudo sobre a percepção do tempo físico é fundamental para se entender a configuração moderna contemporânea do tema, visto que uma modernidade múltipla tem, como uma de seus elementos de base, uma temporalidade múltipla. A temporalização de nossa vida cotidiana é um dos processos sociais que estabeleceram a estrutura social que se funda tão desigual econômica e socialmente. Nesse sentido, arquétipos teóricos podem dar base para a organização metodológica dos estudos sobre identidade educacional e cultural, formação social e compreensão da relação das ciências humanas com as ciências exatas – cuja conexão se torna mais evidente a cada dia. Inclusive, o exame social do tempo se aproxima metodologicamente até mesmo dos estudos da sonoridade clássica, cuja propensão é trilhar no compasso presente o caminho mais rítmico desejado na construção da harmonia da futura canção:

O que você experimenta é, ao invés, numa primeira aproximação, o aparecer dos sons atuais vindos do passado; você escuta os sons atuais como surgindo do passado. Você os escuta como uma continuação, quer dizer, numa aproximação melhor, você os escuta como possuindo uma trajetória ou arco, como se eles se desdobrassem de acordo com uma Lei ou padrão determinado. Não é o passado que está presente na experiência atual; ao invés, é a trajetória ou arco que está presente agora, e é claro que os arcos descrevem a relação do que é agora com o que já aconteceu (e com o que ainda vai acontecer). Nesse sentido, o que é presente, estritamente falando, se refere ou é direcionado ao que aconteceu e ao que virá a acontecer. (...) O arco do som, ou do evento, é um arco de significado. (NOE, 2012, p. 77, grifo nosso).

Na investigação dos muitos aspectos que levam à tentativa de constituição de determinadas identidades coletivas deparamo-nos com conceitos de discurso e narrativa, visto a relação entre identidade, educação e cultura. Não obstante, isso se revela não só nas narrativas, uma vez que é notoriamente possível perceber que essa inquietação de se tentar revelar determinadas identidades faz parte da vida do homem moderno. Nesse contexto, tanto a teoria da intersubjetividade, do sociólogo alemão Jürgen Habermas, quanto à da formação da identidade social do filósofo russo Mikhail Bakhtin buscam métodos de compreender e de evidenciar o homem dentro da sociedade da qual faz parte, com todas as diferenças que o tornam um sujeito inquieto, irremediavelmente descontente com a noção pura de tempo físico, já incapaz de compreender o todo do mundo sensível.

A Percepção do Tempo no Paradigma da Intersubjetividade de Habermas.

Dentro de um arcabouço metodológico relacionado ao pluralismo cultural emancipado surge o paradigma da intersubjetividade, onde o conhecimento do objeto tem de ser substituído pelo esquema teórico da compreensão compartilhada entre indivíduos capazes de falar e agir (HABERMAS, 1992). Tal noção coloca em debate a autonomia de uma razão focada no sujeito e em uma moderna leitura da razão. Trata-se de um paradigma de intercompreensão onde surgem

comportamentos através da qual os interlocutores, em interação, fortalecem acordos sobre algo do mundo e planejam ferramentas de ação a partir destes acordos.

O potencial de um pluralismo cultural emancipado somente poderá se desenvolver plenamente apoiado sobre uma base [societal] que tenha se destacado das constrictões de classe e se desvencilhado dos grilhões centenários da exploração e da estratificação social – um potencial que, certamente, é tão repleto de conflitos quanto de formas de vida capazes de engendrar novos significados. (HABERMAS, 1992, p. 374).

O desafio da ciência do tempo é conseguir levar adiante uma concepção de sociedade onde esta assuma a compreensão da capacidade de ser várias coisas ao mesmo tempo (e em diferentes tempos) – uma sociedade que incorpora potências temporais e que se adapta continuamente às mudanças pelas quais as relações sociais atravessam e ocasionam. A presença de uma experiência em dois ou mais sistemas sociais permite que relações interligadas, mas relativamente contingentes, possam influenciar a realidade processual e relacional da realidade em questão. O aparecimento de um evento novo, como a consciência das amarras do tempo físico como se conhecia até então, passa a ter forte influência nas condições dos acontecimentos reais, engendrando uma realidade própria que tem uma causalidade e impacto amplos e específicos, particulares.

A impressão que nos sobra após tal reflexão é a de que há mecanismos temporais importantes que favorecem a marginalização de populações, culturas e sociedades inteiras. As práticas sociais, populações e culturas, quando se dispõem a reagir ao processo moderno de mercantilização ou de racionalização, são sobrecarregadas, não apenas com impedimentos para seu desenvolvimento, mas igualmente com anacronismos de um passado destinado a terminar. Trata-se de um processo onde a marginalização é produzida pela resignação dos excluídos ao próprio tempo cronológico fundador da modernidade anterior.

Uma Visão Bakhtiniana da Formação da Identidade Social.

Fundamental para as discussões identitárias, a visão de Bakhtin acerca da linguagem social guia um caminho possível na busca da compreensão de como ocorre a representação das identidades nas formas discursivas que dialogam com a sociedade de cada tempo. Desse modo, a interação de um indivíduo com o outro no mundo social é fundamental, pois o ser humano, como já explanado anteriormente, é formado através da alteridade, o que faz com que continuamente se perceba no discurso do outro. Essa relação com o outro acarreta uma inexorável relação de construção de identidades mútuas. A percepção última da realidade presente, como deveria acontecer, atêm-se a narrar no presente o que acontece no passado, o que faz dessa compreensão contínua uma forte ferramenta de reflexão acerca da realidade e das identidades.

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico. Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis: eles sempre irão mudar no processo de desenvolvimento subsequente futuro do diálogo. Em qualquer tempo do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada. Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 1992, p. 410, grifo nosso).

O que se vê evidente na ciência do tempo social é que há não apenas uma relativização do tempo de acordo com os contextos sociais, mas um retorno à reversibilidade temporal, como se a realidade pudesse ser integralmente compreendida em mitos cíclicos. Essa nova temporalidade

preponderante em nossa sociedade, relacionada ao paradigma da informação e aos fluxos de acontecimentos, altera a sequência cronológica das experiências individuais e sociais, acolhendo a emergência de um novo esquema temporal. Então surge não exatamente um tempo recursivo, cíclico, mas relativo e aleatório – um tempo intemporal, apto a abdicar dos contextos imediatos de existência e de se apropriar de elementos que estes mesmos contextos têm a dedicar para o presente eterno (CASTELLS, 2007).

Nem o aprendizado ou o esquecimento podem escapar do impacto da “tirania do momento”, auxiliada e instigada pelo contínuo estado de emergência, e do tempo dissipado numa série de “novos começos” heterogêneos e aparentemente (embora de forma enganosa) desconectados. A vida de consumo não pode ser outra coisa senão uma vida de aprendizado rápido, mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz. (BAUMAN, 2008, p. 124).

Ademais, pensadas como trajetórias, as nossas identidades, assim sendo, são traduzidas historicamente (LOPES, 2012), compreendendo toda noção temporal de passado e futuro no processo de negociação do presente, concedendo-nos a chance de distinguir o que contribui e o que permanece marginal à formação da nossa identidade enquanto povo amazônico. Cada prática se replica em um campo de inúmeras trajetórias possíveis, de eventuais passados e futuros incertos em que os atores sociais podem se engajar. Daí a importância do processo de formação das identidades sociais como construções sociais no tempo, isto é, como uma experiência de percepção individual e de pertencimento social, que acontece através de uma relação contínua entre elementos globais e elementos regionais; na convergência entre aspectos sócio-históricos mais locais e entre as especificidades que caracterizam a personalidade de um determinado indivíduo.

Considerações Sobre a Relatividade do Tempo Amazônico.

A relação do povo amazônico com seu ambiente local é tão forte que sua posição geográfica faz ebulir várias identidades tradicionais. Isso nos faz conceber o habitante da Amazônia como um indivíduo que busca, muitas vezes nas margens e nos leitos dos rios, identidades que se revelam em sua própria história de vida – vemos aqui um espaço que se constrói como marca de identidade (ZANNINI, 1989). Sem esquecer da relação do indivíduo com os demais espaços da cidade e da floresta, que entrelaçados pelos rios constituem-se em verdadeiros referenciais identitários – e talvez até por causa deles – vemos que o tempo na Amazônia tende a passar ainda mais lentamente, à margem da vida efusiva dos grandes centros urbanos.

É evidente que as ciências humanas, em geral, ainda se apresentam muito acanhadas para discutir outros conceitos de tempo que não sejam físicos e matemáticos. Parte das abordagens ainda definem as concepções modernas de tempo de sociedades tradicionais como representação simbólica de um mito ou, até mesmo, como cosmologia – convenientemente delimitada a um contexto específico. Contudo, paradigmas de análise social teórica, principalmente dos campos da linguagem e da identidade mostram que também a nossa concepção e percepção de tempo é socialmente construída, natural e eventualmente mítica, estabelecida dentro de uma noção de sociedade com sistema de valores específicos.

No contexto da percepção do tempo amazônico, um exame cuidadoso da formação identitária nos trará a confiança necessária para impulsionar a criatividade dos povos tradicionais, o letramento literário, o aproveitamento do tempo livre ideal, a psicologia da leitura e da escrita enquanto experiência de identidade no tempo psicológico que, como vimos, não existe autonomamente, mas sim através de nós e da nossa cabeça – onde, pasmem, o tempo passa fisicamente mais rápido do que nos nossos pés.

Uma ideia básica é necessária para entender o tempo: não se trata do homem e da natureza, como fatos separados, senão do homem na natureza. Com isso, fica facilitado o empenho de investigar o que significa o tempo e por entender a dicotomia do mundo em natureza (área de estudo das ciências naturais) e sociedades humanas (área de estudo das ciências humanas e sociais) conduzem a uma cisão de mundo, que é produto artificial de um desenvolvimento científico errôneo”. (ELIAS, 1989, p. 18, grifo nosso).

A história do mundo, e da ciência, não descreve como as coisas acontecem no tempo, mas sim como as coisas acontecem em seus tempos, e como os tempos, todos, se portam um em relação ao outro. Essa análise parte do princípio de que não existe um tempo comum a diversos lugares, seja na Amazônia ou fora dela, como também não existe sequer um tempo único em um só lugar, pois ele muda a depender dos fatos – vide a percepção confusa de tempo lento ou acelerado na esteira das consequências sociais que a pandemia do coronavírus sars-cov-2 nos trouxe a todos: enquanto, para alguns, o tempo de isolamento social passou rapidamente, para outros, se arrastou dolorosa e lentamente.

A influência da percepção do tempo no contexto amazônico evidencia uma mudança de paradigma: simboliza a passagem de uma concepção clássica fundada sobre uma teoria puramente matemática, cuja representação é aqui aproximada da figura de um leitor implícito, à uma elaboração que se interessa pela reconfiguração do tempo pelo indivíduo livre de amarras físicas – um leitor real, que apresenta formas diversas de realização plurais. A natureza do tempo, as estrelas do céu, as estações do ano, as fases da Lua, a bússola e os relógios marcam o tempo, que é a marca inexorável do cosmo e da vida. Contudo, estamos na Amazônia, exemplo maior da resistência da vida natural que passa inerte a tudo e todos, de modo que mesmo aqui é absolutamente possível desacelerarmos a passagem do tempo, sempre que queiramos. Para isso, basta criarmos experiências novas, como por exemplo, aprender a nadar em um igarapé, cozinhar um tucunaré recheado recém pescado ou a estudar sobre a linguagem e a identidade de nossos pais e avós – descendentes legítimos dos povos da floresta.

REFERÊNCIAS.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEBEACHIBULI, Aida. *Relógio atômico a feixe efusivo de cério: estudo da estabilidade e da acurácia como função do descolocamento da frequência atômica devido ao efeito Zeeman de segunda ordem, ao Cavity Pulling e ao Rabi Pulling. Dissertação (Mestrado em Física Básica)*. Instituto de Física de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/76/76131/tde-12092007-114223/publico/AidaBeachibuli.pdf>. Acesso em: 03/10/2022.

BEZERRA, Maria José. *Invenções do Acre: um olhar social sobre a história institucional da região acreana*. Rio Branco: EAC Editor, 2016.

BOURDIEU, Pierre Félix. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS, Manuel. 2007. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 2007

- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001.
- HABERMAS, Jurgen. Kleine politische schritten. In: ARANTES, Otila Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. *Um ponto cego no projeto moderno de Jurgen Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
- KLEIN, Estanislau Paulo. *Santos da floresta: cultura e religião entre os seringueiros do Acre*. Rio Branco: Editora da UFAC, 2003.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identities fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.
- NÖE, Alva. *Varieties of presence*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.
- ROVELLI, Carlo. *A ordem do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- PATON, Joe. *Human Entites 2020: a cultura na era da inteligência artificial*. Lisboa: CADA, 2020.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.
- SAID, Edward W. *Freud e os não-europeus*. Tradução Arlene Clemesha. São Paulo: Boitempo, 2004.
- SILVA, Tadeu Tomaz da; WOODWARD, Kathryn e HALL, Stuart (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
- TUFAILE, Alberto. *Visões do tempo na física: vulnerabilidade/ envelhecimento e velhice, aspectos biopsicossociais*. Revista Temática Kairós Gerontologia, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 23-30, 2012.
- ZANNINI, Íris Célia Cabanelas. *Fragments da cultura amazônica*. São Luís: CORSUP/Ed. UFMA, 1989.

Informações do autor

Nome do autor: Paulo Victor Poncio de Oliveira

Afiliação institucional: Universidade Federal do Acre - UFAC

E-mail: victormanfredine@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8495-6154>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6063794086730302>